

# REVISTA TRICERATA

Nº 13 - OUTUBRO DE 2023

ISSN: 2675-9349

O ÚLTIMO HOMEM DA FRONTEIRA  
ZONA DE MEDIOCRIDADE  
TECNOMISESIS  
PRÓTESE



EDITORA CYBERUS

**4** EDITORIAL

**5** O ÚLTIMO HOMEM DA FRONTEIRA  
Sorihel Kretschmer Aguirre

**15** ZONA DE MEDIOCRIDADE  
Pedro Lins

**29** TECNOMIMESIS  
Renato de Medeiros Jota

**38** PRÓTESE  
Francisco Mazzuca

**51** NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

REVISTA DE FICÇÃO CIENTÍFICA  
REVISTA DE FICÇÃO CIENTÍFICA  
REVISTA DE FICÇÃO CIENTÍFICA  
REVISTA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

A **REVISTA TRICERATA** é uma publicação independente. Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora:



**Fundador e editor-chefe**

Maurício Coelho

**Projeto gráfico e diagramação**

Douglas Domingues

**Imagens da capa e do índice**

Douglas Domingues + Dall-E 3



Este número não teve revisão final, foi revisado apenas pelos próprios autores de seus respectivos textos. Caso tenha interesse em revisar voluntariamente, mande-nos um e-mail: [editoracyberus@gmail.com](mailto:editoracyberus@gmail.com)

REVISTA TRICERATA. Vol. 3, nº13, 2023. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus.

**ISSN 2675-9349**

# EDITORIAL

A REVISTA TRICERATA CHEGOU!

REVISTA TRICERATA

**A REVISTA TRICERATA ESTÁ VOLTANDO AOS POUCOS!** Ainda não abrimos editais para novos contos, pois eu ainda estou um pouco sem tempo.

Para quem está lendo pela primeira vez, a Tricerata é bimensal e exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. Originalmente, o objetivo da revista era trazer o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora, porém por enquanto estamos trazendo apenas contos inéditos para os leitores!

Esta 13<sup>a</sup> edição traz quatro contos cyberpunks em cenários brasileiros.

**Maurício Coelho**  
Editor-chefe

# O ÚLTIMO HOMEM DA FRONTEIRA

SORHEL KRETSCHMER AGUIRRE

**E**sculpida há mais séculos que o tempo pode contar, a coxilha se debruça sobre a várzea estendida, protegendo o capão de mato do Sol, que despontava como uma laranja.

Ouviu o canto do sabiá no alto da taquaireira. Despertou com o bufar das narinas do seu cavalo, sentou na cama improvisada com os arreios. Reanimou a pequena fogueira da noite, nela colocou a cambona, companheira de longa data. Quase que como em um ritual, mascarou uma folha de carqueja, pegou a cuia,

a bomba e a erva, preparou o chimarrão de todas as manhãs. Costume da sua gente, desde os tempos mais antigos, quando o homem vivia no campo e sustentava os seus com o que podia tirar dele. Quando as máquinas expulsaram o povo do campo, o mate amargo o acompanhou, amargo como a dor de se despedir a contragosto do velho pago florido, das conversas de galpão ao fim da tarde, dos causos contados ao pé do fogo. Aquela terra, uma vez deixada para trás, se fez refúgio novamente, quando a cidade já não tinha espaço para quem vinha do campo. Um movimento inverso, se deu nesse período. Pessoas com poucos recursos e pouca instrução, sem acesso à tecnologia e avessos a trans humanização, deixaram de lado suas casas humildes das periferias das cidades, para de novo se fixar no chão amado, a pátria pampa.

O trabalho, seja na lavoura ou na pecuária, é praticamente todo automatizado, não tinha espaço para acolher a quantidade de gente que decidiu sair da vida miserável dos centros urbanos. Essa grande migração acabou formando um novo tipo de população, os únicos lugares onde puderam ficar sem ser incomodados foram as estradas que

dividem as grandes propriedades, também chamados de corredores. Essas pessoas ficaram conhecidas como os andarilhos de corredor, ou andejos.

— Aqui sou meu senhor! Não tenho dono, nem patrão — vez ou outra vocifera, quando se excede na bebida.

Um olhar distante e sem brilho, uma vida em que tempo e destino lhe foram cruéis, aparenta ser um homem de meia-idade, mas ainda não chegou aos trinta. Esse é Clemente que se orgulha de dizer que vive como seus antepassados, que é ele um dos últimos gaúchos desse lugar. Talvez o último homem da fronteira, como costuma dizer.

Depois do mate e do magro desjejum, puxou seu cavalo para a encilha. O pequeno mouro adelgado e de crina mal tosada, é meio de locomoção e instrumento de trabalho. Trabalho esse que anda cada vez mais difícil, sobrevivendo de changas, nos serviços que as máquinas e robôs não podem executar ou nos braçais que poucos têm a força necessária para bem cumprir.

Num trote manso vai ao bolicho do Quintino, na esperança de encontrar al-

guém que precise das suas habilidades. Lugar de tantas boas memórias. Os penduricos na sombra do velho umbu, o grande bebedouro para matar a sede da cavahada. As paredes de pedra, os degraus de madeira, o piso de chão batido. Tanto tempo passado ali que não existe lugar onde se sinta mais à vontade.

— *Buenas* Quintino! — disse Clemente se escorando no balcão.

— Ora, se não é Clemente, o *domeiro*. *Buenas* meu amigo, que vai ser hoje? — disse o sorridente dono do estabelecimento.

— Tem marisqueira?

— Tô na falta.

— Me vê outra canha boa, *entonce*.

Do alto de uma enorme prateleira, que tinha de queijos a funis, Quintino apanhou uma garrafa cheia de um líquido amarelado e brilhante, serviu Clemente, quando foi devolver a cachaça para a prateleira, ele disse:

— Deixa a garrafa.

— Tem certeza? — indagou preocupado.

O franzir da testa do homem foi o suficiente para a garrafa permanecer sobre o bal-

ção. O clima amigável do começo da conversa deu lugar a uma leve tensão entre os dois.

Clemente sentiu-se desconfortável com a pergunta que Quintino havia lhe feito, pode até ter demorado para pagar algumas vezes, mas nunca deixou de honrar seus compromissos. Pensou em lhe dizer algum desaforo, mas não era homem de falar e sim de agir.

Quintino, por sua vez, tinha mais preocupação com as consequências de ter Clemente bêbado no boliche, do que com a dívida em si, que por mais que demorasse a pagar, nunca faltava.

Clemente bebeu todo copo num só gole, estalando a garganta ao terminar.

— Me acompanha Quintino? — disse com um certo desdém.

— Hoje não vai dar, tem muito trabalho atrasado aqui, a Maria foi na cidade, desculpa, mas hoje não — tentou desconversar.

— A mulher foi passear e te deixou cuidando do boliche, tá bem-arrumado hein? — debochou.

O homem ruboresceu, estava prestes a vomitar algumas verdades sobre seu cliente,

quando um homem, de chapéu largo e lenço colorado, apareceu na porta dizendo:

— *Buenas* Quintino, olha só quem tá aqui? Quem é vivo sempre aparece, não é? Como andas Clemente?

— *Buenas* seu Julião, que fazes neste fim de mundo? Não é o senhor que odeia essas bandas?

— É você mesmo que está falando ou essa canha? — riu largamente e se aproximou, vamos Quintino me traz um pouco dessa. Como é nome, sai verdade? — disse com escárnio.

— Não tem como seu Julião, dessa só tem essa garrafa que tá com o Clemente, quer outra, tem várias outras — disse tentando amenizar a animosidade que pairava no ar.

— Não tem problema, Quintino, meu grande amigo, há de compartilhar comigo seu elixir, não é mesmo? — ironizou.

Clemente olhou de canto de olho para Julião, hesitou por um instante, mas acabou cedendo:

— Traz outro copo, Quintino. Não sei o que é esse tal de elixir que o senhor disse, mas esse trago é dos bons.

— Grande Clemente — disse dando-lhe tapinhas nas costas — Aquela bragada que domaste para mim, ficou um luxo, montaria de dono de estância. O colorado que era veiaço até criança anda. Precisamos conversar, tenho trabalho para ti — disse enquanto secava o copo.

Julião virou-se para Quintino e gritou:

— Bota na minha conta essa, e vê outra canha boa pro Clemente levar.

Os dois foram até a sombra do enorme umbu. Clemente ouviu a proposta de Julião, sempre vinha acompanhada de dizeres como “não há perigo” e promessas de fartas quantias. Apesar de não concordar, as circunstâncias não lhe deixavam outra escolha, ajudar no roubo de gado era a única atividade para que era procurado ultimamente.

Tendo a velha coxilha como testemunha, a lua minguante estendia seu manto negro pela noite escura. Clemente estava acompanhando a vacaria desde que havia saído do bolicho. Mesmo no escuro, conhecia cada palmo daquele chão, cada passo, estrada, trilha e mangueira. Sabia exatamente qual cerca cortar. Julião havia lhe asegurado que

não haveria drones policiais, ou batedores das estâncias, ou qualquer dispositivo de segurança, ou vigilância que atrapalhasse a sua parte do delito. Não tinha com o que se preocupar. Estava pronto com o gado na hora e local marcados, mas não encontrou quem os recebesse. Clemente não tinha nenhum dispositivo que pudesse se comunicar com o mandante da infração que estava cometendo, a preocupação logo deu lugar ao desespero. Uma pequena luz ao longe se transformou num clarão, que paralisou o valente cavaleiro. Sentiu o sangue percorrer cada centímetro do seu corpo, fora descoberto. Tirou o revólver da cintura, pronto para engajar num embate de vida ou morte.

— Se é para morrer que seja peleando — pensou — Pode vir, não tem lataria que seja mais guapa que eu — bradou a plenos pulmões.

Uma voz veio da enorme luz:

— Você é Clemente, tenha calma e abaixe sua arma, Seu Julião me mandou, só vim buscar a encomenda.

Teve um alívio, a luz diminuiu então reconheceu aquele tipo de veículo, aquela

coisa nem tocava o chão, e quem estivesse pilotando podia estar em qualquer lugar do mundo. Carregou sem esforço o gado manso. Viu o veículo se distanciar até virar um pequeno vaga-lume no horizonte. O que acabara de realizar lhe trouxe um mal-estar, mas o papel de bom moço nunca lhe coube, não era a primeira vez, com certeza não seria a última. Não se considerava um criminoso, pelo menos não um comum, assim como tantos que vieram antes dele, não aceitaram as imposições da tecnologia e da evolução. Não conseguia compreender porque tão pouca gente tem tanta terra, ou saber para que servem as leis de uma sociedade padronizada, nem como uma economia baseada na escassez consegue perdurar por tanto tempo. Obrigados a viver acuados pelos corredores, seja auxiliando em abigeatos, carneando para consumo, ou mesmo caçando e pescando sem autorização, sua mente inquieta, era incapaz de entender porque seu povo estava fadado a esta situação.

Destampou a guampa, onde armazenou a cachaça que trouxera do bolicho. Deu largos goles, embalsamando a garganta.

Lembrou de uma velha cantiga de sua infância, assobiou adentrando a pampa, sua terra e morada.

**Sorihel Kretschmer Aguirre** é amante de fantasia e ficção científica. Fã de Megadrive, da Mohtra e do Grogue. Sonhava ser astronauta. Canhoto raiz, natural de Brasília, gaúcho de coração.

**Contato:**

sorihelaguirre@gmail.com

# ZONA DE MEDIOCRIDADE

PEDRO LINS

**S**ony Hacken Santana treme feito ventilador velho. Esperando um “milagre” que o faça aceitar a existência.

Sony *era* sua banda. Caótica, bagunçada e que vomitava agressividade. Agora “o trio está em coma”. Sem faturar nas apresentações da Membrana Fetal, investia em free-las na arcaica arte da ilustração, mas vivia da produção de chips indutores em casa. O vício em substâncias lícitas ou não, alteradas e vendidas nos becos da humilde Hypeflux

de Rio Branco era o que ganhara nos fisio-tempos de banda ativa. Usou psicotrópicos de Levânia – lugar dos abastados reclusos – que proporcionam ao usuário ter o que conseguisse imaginar.

– Quero morrer! – o velho com fios de eletrochoques nas pernas e braços confessa ao jovem sentado do lado da cama-leito.

– Não diga isso, pai! – diz Sony, respirando fundo. – Não desiste! Quando eu chegar, trocamos suas cuecas – nunca “fraldas geriátricas”, para não o constranger -, e tem que prometer ficar conectado.

– *Unhum* – diz o progenitor sem convicção. Demência intermediária, além da infecção. Surto epidemiológico agravado pela desinformação da mídia e autoridades mundiais, preocupados em não serem contaminados eles mesmos pelo novo vírus. O pai de Sony só repetia as palavras que ouvia. *Deve ser sequela. Ele vai sair dessa*, pensava o otimismo infantil de Sony misturado com o medo de se imaginar sem o pai.

Indignado, Sony acopla o tablete do Fiat SkyRoad na pulseira do relógio e, após um movimento de fechar e abrir o punho di-

reito, a porta do hovercarro *Red* abre verticalmente. Ela se fecha, ativando o som onde procura um dos sons pesados e raros underground. Produções lícitas são pasteurizadas demais, fakeadas e irrelevantes. Sony chega na *The Living Dead at Manchester Morgue*, de uns dementz do século XX. Dava o clima enquanto ia ver os parças.

Pressionou o pedal e o *SkyRoad* subiu com o bico para baixo e, acionando com o polegar esquerdo, o veículo estabiliza e flutua. Sony empurra o manche do *Red* e o carro voador dispara quebrando a barreira do som. Sony gargalha alto com sinceridade, curtindo a “solitude” citada por um pensador.

O chat-bar era onde se reuniam para curtir vídeos e sons antigos. Naquele fisiodia, um congestionamento impossibilitou Sony de estacionar no local de sempre. Teve que andar até o chat-bar. A *Hypeflux* estava uma muvuca.

*Robossal!*, Sony odiava confusões desde a crise de agorafobia há uns fisioanos. Esbarra e desvia das pessoas em uma dança frenética. Trovões, sirenes e alarmes em um pesadelo sonoro, assustador e claustrofóbico como o palpável sentimento de exclusão pelos parças da Membrana.

O clarão dos raios simulados atingem Sony. A friagem na espinha dorsal, pouco antes da entrada do chat-bar, lhe deu confiança robótica: fria e focada.

Enquanto espera enrugado diante da porta, pensa em empatia e sente raiva. *Relaxa, computo!*, processa confortando taquicardia.

Sony considerava mesmo os parças do fisioencontro.

Além da visita ao ambiente conhecido, Sony se sentia um tocadador inseguro e incapaz diante dos companheiros de banda (todos estáveis na vida, e ele, bom... era apenas um cuidador. Dos próprios pais). Após os ensaios da Membrana Fetal, a melancolia do baixista atacava por não ser um líder sem enxertos ou chips de habilidade. Era natural. Estava limpo. Já seus parças, um terço e meio deles abandonara faz tempo essa existência como “reles humano”. “E meio” porque Sharp, o baterista, agora fazendo audiovisual de RV e RA, enxertara nas costas uma grua de filmagens. *Isso deve ser comum no ramo*, processa.

Sony perdera quase tudo pelas drogas:

“Amigos de Peia” – das saídas, a grana ganhada como repassador e até sua banda de nuclear punk, os dois comparsas usurpados por outro chegado com banda de speed reggae psicodélico. *Vendidos de uma figa.*

Os caras sabiam tocar. Sharp desenrolava legal na batera. Phillips era um incrível guitarrista autodidata. Multi-instrumentista. Ótimos para tocarem numa banda de SRP.

Mas para nuclear punk não precisava saber, e Sony sofria desde os tempos de punk sem decorar acordes. Derrotas da fisiovida.

Hoje passa mais tempo na Realidade, mais saudável. Se enfurnar no virtuaverso sob alucinações malucas o levaram a cavar um buraco nas medidas certas para seu caixão. Não queria morrer de novo.

Bios. Mortalidade. Células apodrecendo rápido como papel molhado enrugando nas sinapses cerebrais. Enferrujadas como uma guita abandonada, parafusos e fios velhos substituídos pelo rush da modernidade.

A chuva programada pela Divisão Mecânica de Fenômenos Pseudo-Naturais caía em pingos pesados. No céu, carros voadores cruzavam sob a redoma anti-radioatividade.

de solar. Propulsores agredindo os ouvidos. Desconforto social chega em revolta furiosa, sua zona de conforto na insegurança. Levanta o capuz e acende um filtro vermelho, por uma morte de câncer.

Hoje frio, amanhã mormaço escaldante. Rio Branco não muda.

– Maldita pústula! É Sony, zaralho! – Philips holograma diz enquanto a porta de madeira real destrava. Saúda, empolgado: – E aí, robrôu?!

*Vai se foder!*, Sony processa. Odeia gírias atualizadas. – E aí, Philips – diz. – Achei que estaríamos aqui *de verdade*.

– Vocês são gatilhos pra mim, Sony – respondeu o holo, agora borrado. – Principalmente você! – Mas largou as paradas! Parabéns!

*Phill, cadê o chip????*, uma voz feminina grita de onde Philips está fisicamente.

E eu que era chamado de desonesto, processa Sony. Chips conduziam a algum barato, mas também eram receitados. Império das farmacorps. *O menino Phill estava se danando de novo.*

– Zaralho! Só um minutinho, Sony. Sharp tá chegando, tava trocando o óleo da grua.

– Vai logo, a mulher parece ansiosa.

Uma das clínicas de reparo em que Sony residiu era cheia de regrinhas, campo militar. O pior era ser humilhado pelos funcionários ex-adictos arrogantes. “Desonesto”, ouviu por passar tempo demais ao fone com a mãe.

Ligações semanais de cinco minutos. Sem terminais de conexão – evitando gatilhos. Usava-se um telefone na parede e o treco chiava pacas. Quando Sony reclamou pro monitor na clínica, foi xingado.

Sharp, recém enxertado, entra com dificuldade pela larga porta em construção no chat-bar de seu padrasto. Ao observá-lo, Sony finge impassividade.

– Sony! – diz Sharp. – Finalmente aqui!

– Pois é. Sobrevivi. Tô atribulado com lances pessoais...

– Parece ótimo, mas as evidências mostram o contrário! – riu.

– É. Tô ressignificando coisas e pessoas

– respondeu Sony, meio amargo. – Tá investindo nesse lance audiovisual, né.

Apertando botões no console embutido na lateral, Sharp guarda seu terceiro braço biomecânica – a grua – e se equilibra diante de Sony. O alívio é nítido, mas não baixa a arrogância.

*Zaralho, que anátema Sharp se tornou, Sony processa. Mas nada fora do algoritmo.*

– Disseram que exagerou novamente. Internado e tudo. – Sharp diz.

– Encare como férias. Das putaria.

– Porra, Sony! Passar um fisiomês fazendo diálise? Precisa de reconfiguração neural! Sony não esconde a vergonha. O lance da diálise era segredo.

– É. Entrei num buraco por conta das complicações de casa – Sony diz. – Pelo menos tô perto dos velhos e estamos lidando com esse vírus degenerativo no pai.

– Que bom. Mas por que decidiu sair da toca? Achei que não sentia saudades. Sony ignorou o desprezo: – Quero voltar com a banda. Para um último show, na verdade. Compor. Tocar pra galera.

– Saquei, rôbicho. Também quero. Mas estou velho para isso.

*O quê?! Mas que porra tá falando?,* Sony saliva um gosto amargo de asco. Velho para o rock ‘n’ roll? Puta zica! – Talvez um pocket show. Bora descolar um canto pra ensaiar, Sharp!

– Cara, a gente fracassou. Nem o underground nos aceitava.

– Mentira! Tem galera que nos vê como lendas!

– “Lendas”? Puta que pariu a Membrana Fetal! Agora forçou. Depois que começamos a ensaiar com Kodak, descobri um monte de coisa que queria fazer! – Sharp revela.

*Computo filho de vários!,* Sony se contém. – E onde está Phillips? Apareceu como holo! Ainda está se drogando e no virtuaverso?

– Phill tá em outra. Não é só gamer. Caça simulantes cuzões no virtuaverso por não ter o que fazer. Tipo formar banda, sacou?

– Só. Ou tá corrompido ou mantendo o vício da esposa nessas viagens!

– Vai ver ele tá de boa. *Eu tô de boa e você também. Cada um segue seu lance, porra.*

– Certo. Então ele agora é tipo um corp? Trabalha de tira?

– Relaxa, robrôu! É o mesmo. Apenas se envolveu mais – Sharp explica -, continua um hacker bom na guitarra.

Sony sorri mas transparece sua insegurança, afinal Phillips e ele viveram muitos absurdos secretos no underground.

– Sony... Já faz vinte fisioanos. Tu acha que todos pararam no tempo? Você é um adicto. Phillips é um adicto. Mas ele trafega entre as realidades. – Sharp veste a blusa com um buraco enorme em uma das axilas para passar o enxerto. – Dificilmente estará presente de forma física. Transcendeu. Encontrar seu holo já é uma dádiva.

– Phillips agora é Insider?!

– Não sei direito – diz Sharp –, mas ele tem muito a ganhar se for! Conhecer um insider é garantia de sobrevivência dentro e fora da Cultrix!

– É. Dá uma segurança maior na hora de se plugar – Sony se lembra de temer ao sair da Cultrix, já que um Insider disfarçado poderia estar se drogando com ele e uma batida o aguardaria na Realidade, pronta com

algemas ou um ticket para casa de reparo.

Blip!, o sensorium de Sharp dispara e ele leva a mão até onde deveria estar a orelha esquerda.

– É Phillips. Vem na próxima semana. Enquanto isso, vamos discutir sobre Membrana Fetal e como fazer o evento acontecer. Somos parças, não inimigos. As segundas são livres aqui. O bunker é nosso.

– É. Vamo ver qualé, então – diz Sony, pensando em como seu drama pessoal poderia interferir.

O celular de Sony berra de dentro dos bolsos da jaqueta impermeável. *Até que demorou!*, atende, apertando um botão no trambolho.

– Sony, cadê você, filho? – diz mãe, alarmada. – Está faltando o remédio do glaucoma e os inibidores degenerativos do pai!

Puta que pariu, processa olhando para baixo, disfarçando. Odiava urgências.

Sony queria um *sensorium* desses, acochado perto da orelha.

Remédios são muito caros. Não conseguiu evitar a culpa em estar ali com um con-

sole das antas que tocava sons punks clássicos e alternativos quando recebeu a ligação.

– Eu não sei mexer nesse troço – sua mãe lamuriava.

Sony carregava o celular para as ligações. Às vezes era sério, ou não: apenas a mãe preocupada em ficar sozinha cuidando do pai.

*Não se ignora as chamadas de casa,* Sony se ressentia. Era mal visto no bairro onde morava pelos fisiomeseles internado nas casas de reparo.

Saudades.

Solidão.

A reunião não aconteceu como Sony esperava. Mas estava limpo. Sony considerava família acima da amizade. A culpa ainda o persegue quando está com os parças que o afastaram dos pais – quando eram radiantes, jovens e saudáveis.

*Não posso gastar a grana dos remédios!*, pensa em compromisso diário e frustração. –Tenho que ir nessa, Sharp – diz Sony, guardando o aparelho. – Semana que vem, entro em contato.

Ao dar meia-volta e abrir a porta do chat-bar, a chuva ainda detona. Só tenho que sobreviver até chegar em casa.

Naqueles fisiodias, amizade bacana valia mais que comprimidos. A porta se fecha enquanto Sharp e o holo Philips veem Sony se afastar em direção a um anel estreito e flamejante contra um fundo preto. Seus simulantes entreolham-se e abaixam a cabeça. Estão seguros. Montaram aquele bunker – simulacro do antigo chat-bar onde a Membrana Fetal se reunia – para guardar seus avatares, protegendo-os contra crimes cibernéticos. Era assim hoje em dia.

\*

Desplugados, Sharp e Phillips estão sentados na Realidade. Logo à frente um corpo inerte, acidentado na pressa de voltar para casa, ligado a incontáveis cabos de sobrevivência e máquinas que piscam.

– Todo fisiodia eu torço pra que ele não atenda a chamada – confessa Phillips, cabisbaixo feito seu simulante. – Dá pra sentir a vida dele escorrendo pelas minhas mãos.

– Pode crer. Energia baixíssima. Pelo menos está estável, agora – diz Sharp, impotente ao levantar e sair do hospital.

**Pedro Lins** nasceu em Rio Branco, AC. É escritor, quadrinista e ilustrador. Participou da antologia de contos *Estranho Brasil Colonial* (2023), pela editora Draco, possui uma história curta (*GLITCH*) publicada no *thescif.net* e na revista independente Ravachol Comics. Produz histórias em quadrinhos desde 2017.

**Contato:**

pedrolins.no@gmail.com

**Instagram:**

@rockemquadrinhos

# TECNOMIMESIS

RENATO DE MEDEIROS JOTA

REVISTA TRIGÉSIMA

**B**rasil, Natal/RN, ano de **2.256** meu esconderijo, um velho galpão na Ribeira acabou de ser invadido. Me chamo Laizy e estou terminando de transferir as principais informações que consegui ao invadir uma empresa de tecnologia de vida artificial, mas com a invasão o meu tempo havia terminado. Desse modo, assim que os alarmes soaram conforme o esperado, consegui escapar antes da chegada dos guardas da empresa no galpão. Havia baixado os arquivos e guardado na nuvem-memória, ou seja, no meu cérebro, não

podia perde-las por nada desse mundo. Principalmente, depois de todo o trabalho que tive ao invadir o servidor principal da corporação e extrair as informações sobre o projeto MR165. Uma geração de androides sintéticos modelo Mimesis, a mais avançada que seria usado como arma nas guerras coloniais e na composição da força de segurança humanas para combater as quadrilhas da cidade.

As informações que tive acesso deveriam ser muito importantes pela quantidade de seguranças enviados para me pegar. Consegui escapar por pouco, tive de pular pela Janela do velho galpão que usava como esconderijo e correr por um beco estreito até a minha aeromoto, saindo de lá antes que os seguranças se recobrassem da bomba caseira de luz que deixei providencialmente para me dar tempo de escapar. Agora fugia em direção à Zona Norte para entregar ao Pedro, meu empregador, as informações e receber o meu pagamento.

Estava atravessando a avenida Alvorecer recém reformada tendo a estrada duplicada e a antiga área residencial e comercial onde pequenas lojas e casas populares, foram obrigadas pela máfia de empreiteiras a saí-

rem para dar lugares a esses empreendimentos. Essa nova área, pelo que lia nos painéis projetados nas paredes dos prédios e edifício serviria para receber centros empresariais e culturais que trariam melhoria para a cidade e zona norte. Mas a verdade era outra, eu sabia que por baixo do pano rolava nessas empresas a produção de novas drogas sintéticas e armas. Isso significa que haveria mais drogas nas ruas e gangues armadas, para falar neles, os sacanas do bando do Pepe cabeça de metal estavam fazendo uma nova barreira para cobrar quem quisesse atravessar para o outro lado do rio.

Quando faltava uns quinhentos metros para chegar próximo de onde estava a barreira decidi pegar um desvio para contornar as gangues e evitar qualquer confronto. Desci por uma rua paralela que levava até um desvio contornando por trás a barreira. Isso me levaria até o antigo Bairro Nordeste que terminava numa velha empresa desativada de produção de aço. Entretanto, eu não percebi enquanto olhava os rastreadores de meu veículo, um drone espião acima de mim esquadrinhando a área onde estava e informava minha localização para Pepe cabeça de

metal que furioso mandou acabar comigo. Logo três dos membros da gangue com seus aerocarros estavam atrás de mim.

Só fui perceber que os três estavam me seguindo quando um tiro raspou no meu ombro o qual me desviou da rota e quase bati em uma construção próxima, mas consegui desviar e seguir para outra rua. Enquanto fazia isso os três carros continuavam no meu rastro. Logo a frente pude ver um pequeno conjunto de armações de concreto que me fez ir para lá. Ainda me seguindo um veículo Zapher manobrou baixo chegando próximo da aeromoto que pilotava quase a tocando-a. Deixei chegarem bem próximo ficando na frente do veículo obstruindo sua visão enquanto seguia para a construção de concreto para no momento exato desviar no último segundo deixando o automóvel chocar-se com uma das vigas da construção e explodir. A dupla de aerocarro ignorou o veículo Zapher abatido. Foi quando fiz um novo desvio só que dessa vez decidi fazer um rasante em direção ao asfalto e novamente enquanto recebia vários tiros que passaram perto mas não me atingiram.

De repente tive a ideia de lançar a gasolina reserva na direção do carro mais próxi-

mo e causar um incêndio nele. Por isso, diminuí a distância entre nós para certificar que não erras o disparo de combustível e quando estavam quase a ponto de colidir com minha aeromoto apertei o botão liberando o combustível reserva na direção dos dois automóveis que caiu sobre eles os molhando. Em seguida acendi um pequeno isqueiro e o joguei na direção dos carros criando um pequeno incêndio em um deles que bateu no outro e depois ouvi uma enorme explosão. Houve uma colisão entre os veículos que os fez se chocar no asfalto abaixo, transformando suas ferragens em uma bola de fogo.

Descendo depois de duas ruas cheguei a via principal que dava para a ponte, mas pude ver duas motos da gangue vindo em minha direção, talvez tivessem o objetivo de conferir o motivo de tamanha explosão. Tudo indica que a fumaça impediu que me vissem pois se dirigiam para onde estava a fumaça. Notando uma ótima oportunidade que se apresentava para atacar antes de ser percebida, apontei o repulsor magnético localizado na frente da minha moto, próximo do farol de luz axion e atirei. As duas motos da patrulha foram arremessadas longe caindo no rio abai-

xo. Isso foi o suficiente para me fazer chegar à ponte antes de vir mais batedores da gangue de Pepe cabeça de metal em meu encaicho.

Depois de alguns quilômetros consegui passar pela ponte velha que separa o bairro da Ribeira da zona norte da capital. De cima da ponte podia ver vários navios afundados com suas quilhas a amostra próximo da ponte Newton Navarro depois do último Tsunami ocorrido em 2.186 que praticamente varreu o litoral e mudou a paisagem deixando vários prédios e casas em ruínas. Foi passando pelo o que sobrou do segundo viaduto da outrora Avenida Tomas Landim que finalmente tive a certeza de conseguir chegar onde o Pedro morava. Virando a terceira rua pude avistar a casa do meu contratante, ele certamente aguardava minha chegada.

A casa de Pedro era discreta e não chamava atenção, podendo ser confundida com qualquer uma do bairro devido sua simplicidade. Ela estava em penumbra e silenciosa. Então desci imediatamente da aeromoto e fui até sua porta, sempre me certificando se não fora seguida, Pedro detestava imprevistos. Anunciei que havia chegado no comunicador de tela, no momento seguinte escuto a voz de

Pedro e vejo sua imagem borrada me mandando entrar. A porta se abre devagar enquanto o vapor de água é lançado sobre mim higienizando meu corpo e roupas das impurezas de fora para depois poder entrar na casa. Após terminar a higienização caminhei até a metade da sala, quando fui atingida na minha perna por uma rajada de balas de concussão. Em seguida revidei jogando uma bola magnética na direção de onde veio o tiro se deslocou rapidamente na direção dos atacantes atraídas pelo metal de suas roupas sendo acionada em contato com ele emitindo uma redoma elétrica que o fez cair desacordado.

Outro tiro veio de trás da parede que separava a cozinha da sala, passando perto de meu ombro, o que me fez pular sobre um sofá buscando proteção. Em seguida joguei na direção da cozinha uma pequena ogiva de luz que a clareou toda cegando momentaneamente o atacante que desequilibrou-se pondo a mostra parte de seu dorso que atingi com minha arma de plasma o jogando contra a parede que o fez desmaiar em seguida. Olhei os meus dois atacantes que estavam caídos e constatei que ambos eram andróides sintéticos, mas como entraram sem arrombar a por-

ta? Não consegui entender.

Nesse momento, percebi que estava imobilizada, nenhuma parte do meu corpo mexia e já não o dominava. Depois de algum tempo pude ver Pedro andando devagar vindo em minha direção, ele estava diferente de semanas atrás, já não usava roupas de verão. Agora estava de cabelo bem cortado e barba feita, vestia uma jaqueta cara de material prateado. Como de costume seu olho esquerdo biônico brilhava nas trevas parando em cada peça que localizava até chegar em mim. Enquanto isso acontecia, tentava mover qualquer parte do meu corpo, mas não conseguia sair daquele imobilismo, foi quando Pedro se aproximou de mim e de repente comecei a ouvir uma voz vindo de dentro de minha cabeça, mas como? Era ele que falava naquele momento e me explicou que os androides sintéticos eram para me distrair enquanto ele preparava o capacete extrator para retirar as informações de meu cérebro. Em seguida revelou que eu também sou um androide sintético programada por ele para roubar as informações da empresa. Mas agora com o serviço concluído seria desligada definitivamente.

Depois que retirou as informações com

o capacete de minha cabeça selecionando a parte das informações do projeto MR165, transferiu os dados desejados para um armazenador portátil que parecia um pequeno gravador. Em seguida caminhou em direção a saída. Fiquei sozinha na sala aguardando a chegada do meu fim. Percebi naquele momento que não passava de uma mero objeto, um brinquedo que depois de usado seria dispensado, só me restava vê-lo abrir e em seguida fechar a porta sem pressa. Foi então, depois de alguns segundos que escutei o barulho de um pequeno mecanismo sendo ligado, e então esperei tudo explodir a meu redor.

**Renato de Medeiros Jota**

nasceu em Natal, RN. É formado em Filosofia pela UFRN. Publicou *Do conhecido ao desconhecido* (2021).

**Instagram:**

@medeiros5876

**E-mail:**

rdemedeirosjota1@gmail.com

# PRÓTESE

FRANCISCO MAZZUCA

**A** máquina nunca dorme, e o mantém acordado junto com ela. Durante as noites, se olhar pela pequena janela de seu quarto, ele pode vê-la funcionando, sufocando a cidade com seus infinitos outdoors, luzes brilhantes e letreiros luminosos. Quando deita na cama ele a imagina, um loop eterno em sua cabeça, ela não tem forma, mas sua aparência, sua expressão, ele as enxerga. Olhos de LED, dentes metálicos que rangem uns contra os outros criando faíscas, fumaça preta saindo de suas narinas, cabos de eletricidade descem

por seu rosto como fios de cabelo, antenas e postes brotam de seu crânio, sacos plásticos sujos se penduram nas suas feições. Um largo sorriso diabólico. Porque ela sorri? Porque ela nunca para de sorrir?

27 de Fevereiro - Ele entrou no prédio esverdeado, um dos maiores de Porto Alegre. Lá dentro as telas exibiam os mesmos anúncios que eram exibidos do lado de fora, o piso que se estendia a frente era como um tabuleiro de mármore com seus espaços pretos e brancos. Falou com uma mulher que disse para segui-la, seus passos ecoavam de maneira que contrastava com os dela. Quanto mais adentrou nas entranhas da estrutura mais estranho tudo foi ficando. Não se via mais interiores como aquele, a pedra branca e a ausência de telas. Um corredor de inúmeras portas verdes. Ele a seguiu para dentro de um dos aposentos, perguntou-se por quantos tinha passado e quantos outros tinham pela frente. Era uma sala pequena e fria, havia apenas uma maca velha no centro e uma mesa de metal com uma maleta preta em cima. Ela fez sinal para ele se deitar. Ele obedeceu. Barras de aço prenderam seus

punhos, suas pernas, seu pescoço. Ele não podia se mexer. Ela tirou um pequeno dispositivo de seu bolso, aproximou da boca dele e pressionou um botão.

– Diga seu nome de maneira clara.

– Marcel Zempe.

Ela colocou o dispositivo de volta no bolso, ele acabara de assinar um contrato que não havia sequer lido.

– Qual vai ser o membro?

Ele hesitou.

– Não me faça escolher por você, senhor Zempe.

– O braço. O braço direito.

Ela assentiu, abriu a maleta e tirou uma seringa de dentro, a usou para sugar uma substancia verde de um vidro, ele não conseguia ler o rotulo de onde estava.

– Vai doer?

Ele queria não ter dito nada, não queria mostrar fraqueza, mas as palavras acabaram saindo sem terem sido planejadas. A mulher não respondeu, apenas se aproximou e injetou a substancia em suas veias, e então o

mundo se desfez rapidamente em um borrão branco e verde.

28 de Fevereiro - Acordou grogue, sua língua enrugada e desconfortável na sua boca. Tossiu e uma saliva encorpada escorreu entre seus lábios.

– Bom dia, senhor Zempe.

A porta da sala estava aberta, a mulher o aguardava, as barras de aço haviam sumido. Seu braço direito tinha sido substituído por uma prótese mecânica, escura, funcionava perfeitamente, nem parecia que algo havia mudado. Não havia sentido nenhuma dor, era como se o procedimento tivesse sido algo banal, uma pequena inconveniência.

– Hora de ir, senhor Zempe.

Ele fez o melhor que pode para acompanhá-la, mas cambaleava um pouco ao caminhar e não conseguia falar nada. Sentiu que tinha mais sombras no seu campo de visão do que era normal. Ele a seguiu até o saguão principal, o tabuleiro de mármore, tão diferente de todo o resto. Lá fora a máquina sorria. Ali dentro apenas a ilusão de tradição.

– Foi um prazer fazer negócio com você, senhor Zempe.

A porta da frente se abriu e ele saiu ainda confuso e desorientado. Olhou pro céu procurando o sol, a rua estaria iluminada de qualquer maneira, as telas nunca desligavam, não havia diferença entre os dias e as noites.

Viu o sol, devia ter amanhecido a pouco tempo, a luz fez explodir uma forte enxaqueca. Ele cambaleou até o beco mais próximo e vomitou um líquido verde que queimou sua garganta. Sentou no chão de concreto e dormiu.

29 de Fevereiro - Seu sono foi marcado pelas vozes da rua e os sons dos carros, as engrenagens da máquina. Quando abriu os olhos o sol havia desaparecido, mas o movimento em volta era tão agitado quanto antes. As luzes artificiais exigiam que ele despertasse.

Aproveitou a solidão daquele beco por mais alguns minutos, as pessoas e veículos que não paravam eram apenas um borrão. Examinou seu novo braço. A prótese mecâ-

nica era coberta por uma espécie de cristal líquido, resistente, reconhecia seu toque, seus movimentos aconteciam com a mesma naturalidade de sempre. O material tinha uma suavidade que se aproximava da sensação da pele. Talvez as coisas não mudassem muito.

Quando saiu do beco a prótese acendeu, foi envolvida por um vermelho vibrante e o slogan de uma marca de refrigerantes surgiu acompanhado pelo logo. Enquanto caminhava pelas ruas seu braço exibia diferentes marcas, mais uma tela entre milhares de outras. Ao entrar em casa a prótese apagou, como se soubesse que ali não estaria sendo exposta a ninguém. Um texto em letras verdes surgiu lhe informando o tempo de exposição e os créditos que haviam sido depositados em sua conta. Nunca tinha recebido tanto dinheiro tão rapidamente e com um esforço tão pequeno. Sorriu, talvez agora pudesse cuidar de sua mãe.

10 de Março: As propagandas eram inconvenientes em alguns momentos, em compensação cada empresa que usava o espaço em seu braço fazia com que mais dinheiro fosse depositado em sua conta. O tempo de

exposição, o numero de pessoas presente e o tamanho da marca exposta eram fatores que influenciavam seu pagamento. Se economizasse o suficiente talvez finalmente pudesse tirar ele e sua mãe daquele minúsculo apartamento de subsolo em que moravam. Não custava sonhar.

Passou a noite toda sentado em uma escada observando a boate que ficava acima de seu apartamento, hipnotizado pela maneira que as luzes verdes piscavam das janelas do lugar em conjunto com a música.

21 de Abril: Naquele dia não saiu de casa, estava preocupado com a mãe. Desde que havia começado a tomar a medicação, a qual ele agora tinha dinheiro pra comprar, ela passava seus dias deitada, sem falar nada, olhando para o teto. Talvez aquilo fosse normal, ele não sabia. Pelo menos ela não parecia mais estar sentindo dor.

– Mãe?

As pupilas haviam se mexido levemente. Ou seria impressão?

Ele se agachou e tirou uma caixa de sapatos de baixo da cama dela. Dentro estavam

velhos recortes de jornais, algo que ele não se lembrava de ter visto sendo vendido nem durante sua juventude. Dezenas de obituários, nomes há muito tempo esquecidos, palavras que já não faziam mais sentido. Sentou no chão e leu os recortes em voz alta para sua mãe durante horas. Ela não esboçou reação.

17 de Maio: Chegou em casa exausto, quando foi abrir a porta sentiu a prótese queimar. Afastou-se e olhou para o braço direito. Letras verdes. Tempo de exposição insuficiente. Aquilo nunca havia acontecido antes. Resignado, ele suspirou e foi dar uma volta no centro.

13 de Junho: Andava mais cansado que o normal. Durante a noite tentou dormir cedo, mas o barulho da boate que ficava acima do pequeno apartamento em que morava estava pior do que o normal. Sua mãe não parecia notar, as pálpebras estavam fechadas e um leve ronco escapava entre seus lábios secos.

Ficou deitado ouvindo a música eletrônica e os gritos animados que vinham de

cima. Sua mente vagou pelo ambiente da festa. Pensou nas dançarinas e prostitutas que trabalhavam nesses lugares. Podiam ser felizes? Alguém era? Imaginou seus corpos nus e suados, os homens desconhecidos que as olhavam e tocavam, pagavam por consentimento. Chorou, mas não entendeu o motivo.

14 de Julho: Cada vez mais se encontrava próteses de propaganda como a sua. Alguns dias seu braço desligava em ambientes movimentados, algo que nunca acontecia antes. Viu propagandas de loção de barba e cerveja nos seios de algumas mulheres e de academias e lojas de roupa nas costas de alguns homens musculosos. O dinheiro chegava em menor quantidade. Com o custo da medicação da mãe já não conseguia mais economizar.

Em uma noite viu seu braço direito original ser arrancado por uma espécie de guilhotina cibernética. O osso se partiu, sangue jorrou, o barulho da máquina era mais alto que seus gritos. Uma prótese diferente foi ligada ao seu corpo enquanto ele assistia aterrorizado. O metal duro e frio raspava contra seus ossos de maneira agonizante, suas veias

foram amarradas por mãos sujas a cabos velhos e quebrados, seus músculos foram soldados a uma estrutura formada por diferentes peças de metal enferrujado e descartado. A prótese decadente foi fixada com uma furadeira que ele sentiu perfurar sua carne. Acordou gritando, esperou a respiração voltar ao normal, lavou o rosto e não dormiu mais.

09 de Agosto: Seu braço agora raramente acendia. Passava seus dias caminhando a esmo por diferentes partes da cidade esperando que anúncios surgissem na prótese. Voltou ao prédio esverdeado, conversou com um funcionário lá dentro, ofereceu outras partes de seu corpo. O homem disse que a agência não estava interessada no momento, que ele não era chamativo o suficiente. Sentiu a máquina o observando zombeteira durante todo seu caminho de volta para casa.

04 de Setembro: Acordou aquele dia com uma mensagem inesperada, a agência queria vê-lo. Esperança e medo se misturavam em seu estômago quando entrou no prédio esverdeado. Seu braço não acendia há

três semanas. A mesma mulher da primeira vez o aguardava no saguão, no centro do tabuleiro, como se soubesse não só que ele viria, mas também o horário de sua chegada.

– Seja bem vindo, senhor Zempe.

Ela se dirigiu para as profundezas do prédio e ele a seguiu. Reparou em tudo como se fosse a primeira vez. O mármore branco. A ausência de telas. As portas verdes. Entraram em um dos aposentos. A maca velha. A mesa de metal. A maleta preta. Perguntou-se se a sala era a mesma.

– Senhor Zempe, estamos interessados em fazer um segundo contrato com o senhor.

Ele olhou para a prótese, um braço perfeitamente funcional. Passou os dedos escuros e artificiais em seu rosto. Podia sentir a barba, as pequenas imperfeições da sua pele.

– Vocês me disseram que eu não era chamativo o suficiente.

Um sorriso branco se abriu no rosto dela, por algum motivo lembrou-se dos anúncios que via em seu braço.

– Queremos tentar algo novo com você, senhor Zempe, algo que nunca fizemos antes.

– Como uma cobaia?

– É perfeitamente seguro, senhor Zempe.

Ele temia o procedimento, tinha medo de que logo a nova prótese ficasse obsoleta e ele ficasse na mesma situação. Ficou em silêncio por alguns segundos. Algo na voz da mulher lhe lembrava uma ameaça.

– Senhor Zempe, como parte do acordo sua mãe recebera o melhor cuidado possível, tudo por nossa conta. Os créditos com os quais você será pago pelos anúncios também serão muito mais generosos.

Sentiu um frio na espinha ao entender o quanto ela sabia de sua vida.

– Qual parte do meu corpo seria substituída?

Ela manteve seu sorriso impassível, desde o início tinha certeza que ele aceitaria a oferta.

30 de Outubro: Sua voz ainda era a mesma, mas as palavras que saíam de sua boca eram apenas ecos de seus pensamentos. Sua mãe encarava um teto diferente, impe-

cavelmente branco em um quarto no melhor hospital da cidade, permanecia em completo silêncio. Ele agora raramente a via e nunca mais leu os antigos obituários para ela.

Ele falava incansavelmente com milhares de pessoas, mas não tinha nenhum amigo. Recomendava inúmeros produtos e serviços sempre que via uma abertura para isso em qualquer conversa. Ele praticamente não dormia mais e seu rosto doía de tanto sorrir. Sua personalidade agora era artificial e descartável, da mesma forma que sua vida sempre havia sido. Ele enfim vivia em harmonia com a máquina.

**Francisco Mazzuca** nasceu em Porto Alegre, RS. É formado em Realização Audiovisual pela Unisinos e hoje estuda Psicologia pela PUCRS.

**Contato**

mazzuca5@hotmail.com

# NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

**N**osso podcast Território Cyberus está disponível nas principais plataformas de áudio, porém estamos sem tempo para produzir novos conteúdos.

O retorno da Revista Tricerata só foi possível graças aos esforços (de alguns) dos participantes do grupo do WhatsApp que me incentivaram a continuar com o projeto, principalmente ao organizador Lucas Havoc

e ao, agora, diagramador oficial da Tricerata, Douglas Domingues. Muito obrigado, pessoal!

Estamos sempre com editais abertos de antologias. Vocês podem conferir no site: <https://linktr.ee/editoracyberus>. Queremos lançar, no mínimo, uma antologia por mês através de financiamento coletivo. Nosso perfil no Catarse é o: [https://www.catarse.me/users/245100?user\\_id=245100](https://www.catarse.me/users/245100?user_id=245100)

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!